



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS
CURSO LETRAS FRANCÊS

Yara Menegatti

MULHERES SILENCIADAS NAS ESCRITAS DE SI:
ANÁLISE DE *AS IMPACIENTES*, DE DJAÏLI AMADOU AMAL, E *SONHOS EM*
TEMPO DE GUERRA, DE NGŨGĨ WA THIONG'O

Florianópolis

2023

Yara Menegatti

MULHERES SILENCIADAS NAS ESCRITAS DE SI:
ANÁLISE DE *AS IMPACIENTES*, DE DJAÏLI AMADOU AMAL, E *SONHOS EM*
TEMPO DE GUERRA, DE NGÛGÏ WA THIONG'O

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Francês do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Francês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Luciana Rassier.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Menegatti, Yara

Mulheres silenciadas nas escritas de si : análise de *As impacientes*, de Djaili Amadou Amal, e *Sonhos em tempo de guerra*, de Ngugi wa Thiong'o / Yara Menegatti ; orientadora, Luciana Rassier, 2023.

54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Francesa, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Francesa. 2. Escritas de si. 3. Literatura de língua francesa. 4. Djaili Amadou Amal. 5. Ngugi wa Thiong'o. I. Rassier, Luciana . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Francesa. III. Título.

Yara Menegatti

MULHERES SILENCIADAS NAS ESCRITAS DE SI:
ANÁLISE DE *AS IMPACIENTES*, DE DJAÏLI AMADOU AMAL, E *SONHOS EM TEMPO*
DE GUERRA, DE NGÛGÌ WA THIONG'O

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Francês.

Florianópolis, 06 de dezembro de 2023.

Prof.^a Dr.^a Sabrina Moura Aragão
Coordenadora do Curso

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier
Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a D.^a Kelley Baptista Duarte
Universidade Federal de Rio Grande

Prof.^a Dr.^a Sabrina Moura Aragão
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina que, apesar de todos os ataques que vem sofrendo, oferece ensino público, gratuito e de qualidade por mais de 60 anos.

À Prof.^a Luciana Rassier, com quem cursei as disciplinas de Estudos Literários III, Literatura Francesa III e IV, que gentilmente aceitou me orientar e generosamente compartilhou seu conhecimento. Além disso, por me convidar para participar do projeto Choix Goncourt Brésil, o qual coordena, desenvolvido em parceria com a Embaixada da França. Muito obrigada, sem o seu apoio, sua paciência e seu estímulo eu não teria chego até aqui.

Aos membros da banca, Prof.^a Dr.^a Kelley Baptista Duarte e Prof.^a Dr.^a Sabrina Moura Aragão, que gentilmente aceitaram a tarefa de avaliar esta pesquisa.

Aos professores do Departamento de Letras, que mesmo diante dos inúmeros desafios, se esmeraram para que tivéssemos uma formação sólida.

Aos colegas do curso de Letras Francês, pelo aprendizado e companheirismo ao longo de todo o percurso.

Aos colegas de trabalho: Antonia, Clarissa, Crislaine, Karyn, Liliane, Magda, Marlei, Ricardo, Rita e Sirlene. Devo a cada um de vocês essa conquista.

Aos meus pais, Nelson e Marina, e ao meu filho Cristóvan, muitas vezes negligenciados.

A academia não é o paraíso.
Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado.
(hooks, 2017, p. 273)

RESUMO

Nesta pesquisa, analisou-se a condição das mulheres em duas obras literárias contemporâneas: *As impacientes* (2020), da camaronesa Djaïli Amadou Amal, e *Sonhos em tempos de guerra* (2010), do queniano Ngũgĩ wa Thiong'o. Dentre o que as duas obras têm em comum, estão a poligamia, modalidade de casamento no qual um homem pode ter várias esposas, e o fato de os autores a terem vivenciado. Amal foi casada à força aos 17 anos, Thiong'o cresceu em uma família polígama, é filho da quarta esposa de seu pai. A pesquisa foi fundamentada nas reflexões desenvolvidas por Eurídice Figueiredo (2020), que estuda as escritas de si, gênero de ficção que utiliza a vivência dos autores e configura-se como uma tendência do romance contemporâneo. Buscou-se compreender a violência imposta às mulheres em nome da tradição, entre elas o silenciamento. Observou-se que os dois autores são contrários ao apagamento cultural em nome da modernidade; ao mesmo tempo em que defendem a tradição e suas culturas, combatem práticas violentas que perpetuam a desigualdade entre gêneros. Ao ficcionar suas vivências, promovem o debate sobre práticas sociais e desvelam a estreita relação entre literatura e sociedade.

Palavras-chave: escritas de si; literatura de língua francesa; mulheres - silenciamento; Djaïli Amadou Amal; Ngũgĩ wa Thiong'o.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, on a analysé la condition des femmes dans deux œuvres littéraires contemporaines : *Les impatientes* (2020), de la camerounaise Djaili Amadou Amal, et *Rêves en temps de guerre* (2010), du Kenyan Ngũgĩ wa Thiong'o. Les deux œuvres ont en commun la polygamie, modalité du mariage dans laquelle un homme peut avoir plusieurs épouses, et le fait que les auteurs l'aient vécue. Amal a été mariée de force à 17 ans, Thiong'o a grandi dans une famille polygame, il est le fils de la quatrième femme de son père. La recherche a été fondée sur les réflexions développées par Eurídice Figueiredo (2020), qui étudie les écrits de soi, genre de fiction qui utilise le vécu des auteurs et se présente comme une tendance du roman contemporain. On a cherché à comprendre la violence imposée aux femmes au nom de la tradition, parmi lesquelles le musellement. On a observé que les deux auteurs sont opposés à l'effacement culturel au nom de la modernité; en même temps qu'ils défendent la tradition et ses cultures, ils combattent des pratiques violentes qui perpétuent l'inégalité des genres. Pour amener leurs expériences au champ de la fiction, ils favorisent le débat sur les pratiques sociales et dévoilent la relation étroite entre la littérature et la société.

Mots-clés: écrits de soi; littérature de langue française; femmes - musellement; Djaili Amadou Amal; Ngũgĩ wa Thiong'o.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Arqueologia da autoficção.....	21
Quadro 2 - Artigos publicados sobre a obra de Amal.....	30
Quadro 3 - Estudos publicados sobre Thiong'o.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BTS	Brevets de Technicien Supérieur
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
FLIP	Festa Literária de Paraty
IVLP	International Visitor Leadership Program
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	AS ESCRITAS DE SI: A FICCIONALIZAÇÃO DA REALIDADE.....	20
2.1	MULHERES SILENCIADAS: ANÁLISE DA OBRA DE DOIS AUTORES AFRICANOS.....	22
2.1.1	A voz dos sem voz.....	23
2.1.2	O defensor das línguas minoritárias	25
3	A LITERATURA PERMEADA PELA REALIDADE.....	29
3.1	<i>AS IMPACIENTES</i>	29
3.2	<i>SONHOS EM TEMPO DE GUERRA</i>	36
4	A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NAS ESCRITAS DE SI.....	43
4.1	DANDO VOZ ÀS SILENCIADAS	43
4.2	O OLHAR MASCULINO SOBRE A CONDIÇÃO DAS MULHERES	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O curso de Letras Francês possibilita o contato com áreas do saber bastante instigantes, como a Linguística e a Tradução, mas no momento de escolher o tema para o trabalho final, optei pela Literatura. Desde muito cedo descobri que gosto de ler e certamente isso influenciou a escolha da minha profissão. Tornei-me bibliotecária em 1993 e ingressei na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2008. A experiência de passar boa parte do tempo cercada de livros, me permitiu perceber o quão próximo é o vínculo entre literatura e realidade.

Cursar Letras me tornou uma leitora mais atenta, tive oportunidade de ler autores canônicos e contemporâneos, e chamaram minha atenção as escritas de si, especialmente a produzida por mulheres, como Beauvoir, Duras e Colette. Além disso, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão Internacionalização: Choix Goncourt-Brésil, coordenado na UFSC pela Professora Luciana Rassier, que objetiva divulgar a literatura contemporânea de língua francesa no Brasil. Percorrendo esse trajeto, encontrei o romance de uma autora camaronesa que deu origem a esse estudo.

Ao definir como objeto de pesquisa o romance *As impacientes* (2021)¹, de Djaïli Amadou Amal, finalista do Prêmio Goncourt 2020 e escrito em francês, inicialmente pensei em abordar a poligamia. Foi quando lembrei do livro, *Sonhos em tempo de guerra*², do queniano Ngũgĩ wa Thiong’o, publicado em 2010, em inglês. Tomei conhecimento dessa obra através do clube de assinatura de livros TAG Experiências Literárias, do qual participo desde 2016. Essa obra não se enquadra na categoria ficção, mas isso não inviabiliza a análise proposta nesta pesquisa. Uma vez que o relato foi tecido a partir das memórias do autor, certamente agrega uma dose de ficcionalização, e, também, um panorama da vida na comunidade onde viveu.

A poligamia foi vivida pelos dois autores, Amal, casada à força aos 17 anos, incorpora sua vivência ao romance *As impacientes*, uma vez que optou pela escrita de si. Ao longo da narrativa, as protagonistas recebem um único conselho: que sejam pacientes, isto é, submissas, que honrem a tradição. Devido a essa conotação, utilizou-se a palavra entre aspas

1 *Les prêtres m’ont bien accueillie, sourit-elle. Ils sont même devenus amis avec mes parents.* (Sulser, 2020).

2 [...] *mon père est instruit, a fait du droit, était professeur, tandis que ma mère est Égyptienne, même si une de mes tantes paternelles a joué le rôle d’une seconde maman, l’une nous poussant vers la tradition arabe, l’autre vers la tradition peule. Mon père n’était pas macho et mes parents souhaitaient que tous les enfants - nous étions deux filles et trois garçons – soient scolarisés.* (Sulser, 2020).

ao longo deste trabalho. Conhecida como “a voz dos sem-voz”, a autora acredita que sua obra pode estimular o debate e uma nova visão sobre tradições que provocam a opressão das mulheres.

O livro de Thiong’o, *Sonhos em tempos de guerra*, é o primeiro volume da trilogia incompleta de suas memórias. Filho da quarta esposa de seu pai, o autor menciona suas lembranças das relações familiares, apesar de sua narrativa ser centrada na questão da colonização inglesa e na luta pela independência do país. Afirma que na comunidade paterna a poligamia era parte da cultura e que crescer em uma família numerosa foi uma experiência enriquecedora.

À medida que o trabalho avançava, o foco da pesquisa deslocou-se para o silenciamento imposto às mulheres revelado nas escritas de si. Sob essa perspectiva, e com base no suporte teórico de Eurídice Figueiredo, busquei compreender o silenciamento imposto às mulheres decorrente de casamentos polígamos, isto é, quando um homem pode casar-se com mais de uma esposa.

A palavra poligamia tem origem grega, *polys* significa muitos e *gamia* casamento. É empregada quando um homem casa-se com mais de uma mulher; quando uma mulher une-se a mais de um homem, o termo correto é poliandria (Lagrasta Neto, 2015). Entre os indígenas americanos e os aborígenes da Índia existia uma configuração familiar na qual a poligamia e a poliandria eram praticadas, “[...] cada filho tinha vários pais e mães” (Engels, 1989, p. 31). Essa prática causou estranheza aos europeus, para eles “[...] existiu uma época primitiva em que imperava, no seio da tribo, o comércio sexual promíscuo, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres” (Engels, 1989, p. 31). O matrimônio por grupos, como se denominou essa modalidade de casamento, foi considerado um indicativo de selvageria, enquanto a monogamia seria de civilização.

Essa concepção ainda se faz presente, mesmo que, atualmente, estudos especializados sobre as sociedades africanas considerem a poligamia como “[...] uma prática social que legitima a convivência conjugal de um indivíduo com mais de um parceiro ao mesmo tempo. Fundamentada em razões econômicas, a prática [...] é observada em diversas sociedades tradicionais africanas” (Lopes, 2004, p. 537). Se Amal vem de uma cultura em que se pratica a religião muçulmana, em outras sociedades, que praticam outras religiões, também pode-se observar a prática da poligamia, como na de Thiong’o, cuja família praticava uma religião ancestral antes do autor se converter ao Catolicismo.

A utilização de material autobiográfico na escrita de ficção não é recente, no entanto, nem sempre é fácil estabelecer os limites entre os gêneros que utilizam as vivências dos

autores, como autobiografia, memórias, confissões e narrativa histórica, entre outros. A escrita de si pode ser entendida como uma configuração do romance contemporâneo, influenciada por uma característica do presente momento histórico, a necessidade de expor a vida privada. Para Figueiredo (2020), essa tendência se deve, em parte, às redes sociais e aos *reality shows* que aproximam os autores dos leitores. Fazer-se presente nesses meios tornou-se uma necessidade para os escritores.

A definição do *corpus* da pesquisa considerou o ineditismo e o reconhecimento dos autores. No Brasil, foram localizados poucos trabalhos sobre suas obras e esse fato corrobora a relevância desta pesquisa. Até a etapa de levantamento de dados, não foram localizados Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação sobre esses livros. Sobre Amal, foram recuperados sete artigos, publicados francês, alemão e inglês, possivelmente pelo fato de a autora escrever em francês e por seus livros terem sido publicados recentemente, o primeiro romance é de 2010. A busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações não recuperou documentos sobre a autora, conforme apresenta-se no tópico 3.1, no qual se analisa os resultados da busca em bases de dados. Acredita-se que esse resultado decorre do fato que sua obra é recente, assim como os prêmios que recebeu. A tradução de autores francófonos vem aumentando no Brasil, no entanto, até julho de 2023, *As impacientes* era o único livro de Amal traduzido para o português. Acredita-se que o aumento de publicações de pesquisas sobre a obra da autora e a tradução de outros romances de sua autoria são ações que podem estimular o interesse dos pesquisadores.

Sobre Thiong'o, foram recuperadas duas teses e três dissertações em português. Somente uma dissertação, de 2021, analisou *Sonhos e tempo de guerra*, nela investigou-se a Memória Cultural e a formação do sujeito em sua singularidade. Em suas obras, o autor aborda questões relacionadas ao neocolonialismo e à importância da língua na formação da identidade de um povo. Esta pesquisa é a primeira que analisa a condição da mulher nesse romance, espera-se que estimule outros trabalhos sob esta perspectiva.

Outro fator que influenciou a escolha das obras foi o vínculo deste trabalho à linha de pesquisa da Prof. Dra. Luciana Rassier, orientadora desta monografia, que estuda exofonias, ou seja, autores que escrevem em outra língua que não a sua materna, que resultou, entre outras obras, na organização e publicação de um dossiê temático intitulado *Exofonias, poliglossias e polifonias na literatura-mundo*³. A professora também dedica-se ao estudo de

³ *Mon père n'était pas d'accord mais n'a rien pu faire.* (Sulser, 2020).

literatura contemporânea, tendo orientado dentre outros, em 2021, o TCC de Valéria Kasper⁴, sobre o escritor senegalês Mohamed Mbougar Sarr, laureado com o Prêmio Goncourt em 2021 .

Desse modo, na primeira parte do trabalho, tem-se a revisão de literatura, na qual se aborda a teoria que fundamenta a pesquisa, a evolução do gênero escritas de si e uma breve apresentação da trajetória dos autores. Em razão de suas vivências serem incorporadas em suas obras e de seu esforço em evitar o apagamento de suas culturas, entende-se ser necessário conhecer seus percursos pessoais.

Na seção seguinte, as obras que compõem o *corpus* da pesquisa são apresentadas. Por se tratar de escritores contemporâneos, utilizou-se também como fonte de pesquisa entrevistas em vídeo ou publicadas em periódicos, nas quais os autores falam de suas obras. Além disso, foi realizada uma busca no Portal CAPES com o objetivo de identificar Trabalhos de conclusão de curso (TCC) realizados sobre as obras dos autores, em português e inglês.

Por fim, analisa-se a condição das mulheres, descritas nas duas obras. Em *As impacientes*, por meio das vozes das três narradoras, as consequências do casamento forçado, tradição da cultura peul, não podem ser ignoradas. Seria o casamento um instrumento de dominação respaldado pelo fato de que, em geral, é uma decisão apenas do homem? Quais são as motivações da escritora ao propor o debate entre tradição e modernidade? Em *Sonhos em tempo de guerra*, a descrição das condições de vida das mulheres denota elementos que permitem inferir que a violência é parte do cotidiano?

⁴ *Après trois ou quatre ans de mariage, j'étais désespérée; j'ai pris un agenda et je me suis mise à raconter ce que je vivais. Je ne me sentais bien qu'en écrivant. J'ai mis dix ans à achever mon manuscrit. Je ne l'ai jamais publié.* (Sulser, 2020).

2 AS ESCRITAS DE SI: A FICCIONALIZAÇÃO DA REALIDADE

O romance, desde seu surgimento, incorporou elementos de outros gêneros escritos não literários. Surgido na Idade Moderna, tem a capacidade de se moldar e, por essa razão, se adaptar à evolução da sociedade e da literatura. Ao mesmo tempo em que se renova, absorvendo elementos dos demais gêneros, contribui para sua renovação, dada a tendência dos outros gêneros de se romancizarem. Um dos paradigmas do romance, o romance balzaquiano, vem sendo constantemente transformado, parodiado e transformado (Bakhtin, 1998).

Uma dessas transformações se dá a partir da utilização de elementos biográficos do autor. Ao escrever, muito frequentemente, o autor insere em sua obra elementos de sua experiência ou de sua memória, mesmo que seu objetivo seja criar uma literatura ficcional, desvinculada de sua vida. A distinção entre autor e narrador suscita discussões intensas desde a década de 1960, quando são publicados os trabalhos de Barthes *A morte do autor* (1968) e de Foucault, no ano seguinte, *O que é um autor?*. Entretanto, o florescimento das escritas de si, nas quais o autor se coloca nitidamente ao exibir sua vida sob a forma da extimidade, a figura do autor segue viva (Figueiredo, 2015).

Esse gênero de escrita é anterior à criação do termo autoficção, cunhado pelo francês Serge Doubrovsky, em 1977, para falar do seu romance *Fils*. Nas escritas de si, o autor insere fatos, vivências, recordações pessoais e até mesmo os traumas e a violência sofridos, transformando-os em literatura. Embora não haja consenso, para Doubrovski:

[...] trata-se de narrativas, nas quais a ‘matéria é estritamente autobiográfica e a maneira, estritamente ficcional’, de uma ficção ‘confirmada pela própria escrita que se inventa como mimese, na qual a abolição de toda e qualquer sintaxe substitui, por fragmentos de frases, entrecortadas de vazios, a ordem da narração autobiográfica (Doubrovsky *apud* Noronha, 2014, p. 13).

Doubrovsky (2014), ressalta as características comuns à autoficção e à autobiografia: a narrativa em primeira pessoa, tomada emprestada dos romances do século XVIII, e a impossibilidade de as memórias serem completas e confiáveis. “Toda autobiografia, qualquer que seja sua ‘sinceridade’, seu desejo de ‘veracidade’, comporta sua parte de ficção” (Doubrovsky, 2014, p. 122).

No que tange à distinção entre autoficção e memória, Guareschi (2011), aponta que ao registrar as lembranças empregando o gênero memorialístico, o autor mescla os limites entre o vivido, o imaginado e o lembrado, fazendo com que o passado seja reformulado a partir da lembrança de quem o conta. Por isso, por mais veracidade que um texto memorialístico

apresente, irá comportar também, uma parte de ficção. Além disso, o gênero memórias não se atém ao ponto de vista do autor/narrador, ele abrange a comunidade à qual este pertence.

Ricciardi (2015) afirma que as escritas de si são uma tendência contemporânea com maior ocorrência na França, conforme constata-se na obra de Ernaux (*O acontecimento, O lugar, Os anos*), vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2022. Essa característica já estava presente na escrita de autoras francesas do século XX, como Colette (*A vagabunda*), Duras (*O amante*) e Beauvoir (*As inseparáveis*), e também na obra de autores de outras nacionalidades, como Hemingway (*Adeus às armas*), Cony (*Quase memória*), Chico Buarque (*O irmão alemão*), Tezza (*O filho eterno*) e Evaristo (*Olhos d'água*).

Ao abordar as escritas de si, que mesclam de forma paradoxal as categorias literárias autobiografia e ficção, Figueiredo (2020) estabeleceu a arqueologia da autoficção, na qual identificou quatro fases, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Arqueologia da autoficção.

FASE	CARACTERÍSTICAS	OBRA REPRESENTATIVA
1	A auto reflexão do autor, suas crises e dificuldades no trabalho de criação levam o leitor a embaralhar personagem e autor. A <i>Busca</i> de Proust contribuiu para que o romance do século XX se aproximasse do autobiográfico de uma forma não linear e não confessional, pois embora haja um paralelismo entre a obra vivida e a obra escrita, ambas são distintas.	<i>À la recherche du temps perdu</i> , de Proust (1914).
2	Apesar do caráter autobiográfico, nesta fase tudo é deslocado, entremeado com o imaginário; romance, ensaio e autobiografia se hibridizam. Trata-se de uma autobiografia repleta de lacunas, na qual o autor e o personagem não se confundem.	<i>Roland Barthes por Roland Barthes</i> (1975).
3	As obras que objetivavam transpor para a literatura as experiências traumáticas da Segunda Guerra, com ênfase no que aconteceu nos campos. A arte seria a única via possível para dar a substância e densidade necessárias aos testemunhos.	<i>L'espèce humaine</i> , de Robert Antelme (1947)
4	Obras testemunhais de escritores portadores do vírus da imunodeficiência humana (HIV) , em uma época em que a doença era tabu.	<i>À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie</i> , de Hervé Guibert (1990).

Fonte: Adaptado de Figueiredo (2020).

Nota-se que a essência do conceito permanece, isto é, a matéria prima das obras é sempre autobiográfica. No entanto, as características se alteram conforme a sociedade se modifica. Doubrovsky (2014, p. 124) afirma que “Não se escreve mais romances da mesma

forma que nos séculos XVIII ou XIX. Há, entretanto, uma continuidade nessa descontinuidade, pois, autobiografia ou autoficção, a narrativa de si é sempre modelagem, roteirização romanesca da própria vida”. As escritas de si são “[...] uma nova versão do bom e velho romance autobiográfico” (Figueiredo, 2020, p. 239), ainda que possam parecer autobiográficas, em razão de a vida privada dos autores estar cada vez mais pública, são obras de ficção. É um equívoco confundir a vida real com a literatura, são universos diferentes, “[...] o trabalho do escritor é fazer o leitor acreditar no universo que foi filtrado por sua sensibilidade” (Figueiredo, 2020, p. 240). A literatura é construída com a verossimilhança, não com a verdade, mesmo que inspirada em fatos reais.

Cabe ressaltar que a aceitação do gênero autoficção não foi imediata; o primeiro colóquio sobre autoficção ocorreu quinze anos após o surgimento do termo e, desde então, o debate sobre o assunto vem se intensificando. Uma parcela da crítica francesa a menospreza, pois a vê como “[...] uma espécie de corrente maldita da literatura contemporânea (Vieira, 2019, p. 2)”, mas Figueiredo (2020) afirma que se trata da transformação do romance no final do século XX e início do século XXI:

[...] a tendência hoje é se considerar autoficção sempre que a narrativa indicar que se inspira nos fatos da vida do autor. Em relação ao nome do protagonista, ele pode coincidir com o nome do autor (ou algum apelido) ou estar ausente. A autoficção seria uma nova versão do bom e velho romance autobiográfico, que nunca teve sucesso junto à crítica, a qual o considerava um filho bastardo (Figueiredo, 2020, p. 239).

Ainda não há consenso entre os autores sobre a terminologia que representa esse gênero de romance. Nesta pesquisa, adota-se o conceito das escritas de si, termo empregado por Figueiredo (2020), pois entende-se que é o mais adequado para referir-se às obras que compõem o *corpus* da pesquisa.

2.1 MULHERES SILENCIADAS: ANÁLISE DA OBRA DE DOIS AUTORES AFRICANOS

A sensação de que o mundo encolheu no século XX provocou a consciência de sua finitude, decorrente da redução das distâncias, da globalização, da possibilidade de consultar sobre quase tudo na rede e da velocidade de comunicação (Tokarczuk, 2023). Sendo assim, pode-se relacionar os pontos em comum de um fenômeno ou de uma situação, como o tratamento dispensado às mulheres em casamentos polígamos, pois mesmo que praticados em diferentes culturas, algumas características comuns permitem sua análise conjunta.

Por essa razão, nesta pesquisa foram selecionadas duas obras de autores africanos pouco conhecidos no Brasil: *As impacientes*, romance da camaronesa Djaïli Amadou Amal, vencedora do Prêmio Goncourt des Lycéens, em 2020, e *Sonhos em tempos de guerra*, de Ngũgĩ wa Thiong’o, publicado em 2010, laureado com o Prêmio Catalunya em 2020. Sobre essas obras, já existem pesquisas em inglês, francês e alemão, conforme descreve-se na próxima sessão.

Ambos são autores contemporâneos que, mesmo optando por gêneros diferentes, inserem suas vivências em suas obras; Amal adota as escritas de si, Thiong’o opta pelo relato memorialístico. Também interagem com o público leitor por meio das mídias, produzindo uma quantidade significativa de fontes de informação. Além disso, a escolha desse *corpus* possibilita aproximar os leitores brasileiros das obras desses dois autores africanos.

2.1.1 A voz dos sem voz

Djaïli Amadou Amal nasceu em 1975, em Maroua, no norte de Camarões, em uma família do grupo étnico Peles, que abrange Fulanis, Bororos, Fellatas e Peuls; sua língua natal é o fula, ou fulani, também chamada *peul* em francês. É uma língua do ramo senegambiano das línguas nigero-congolesas falada principalmente na África Ocidental pela etnia fula, da qual Amal orgulha-se, embora escreva seus livros em francês (Sulser, 2020).

Filha de um pai camaronês e de mãe egípcia, sonhava ser jornalista e escritora. Em sua comunidade não existiam bibliotecas, mas por meio da missão católica teve acesso à biblioteca da igreja. “Os padres me acolheram. [...] Até tornaram-se amigos de meus pais”⁵ (Sulser, 2020) (Tradução própria).

Sobre sua família, Djaïli informa que

[...] meu pai é instruído, fez Direito, era professor, enquanto que minha mãe é egípcia, mesmo que uma de minhas tias paternas tenha sido uma segunda mãe, uma nos orientava de acordo com a tradição árabe, outra com a tradição peule. Meu pai não era machista e meus pais desejavam que todos os filhos - nós éramos duas moças e três rapazes - frequentassem a escola⁶ (Sulser, 2020) (Tradução própria).

Mesmo assim, seus tios a casaram à força aos 17 anos com um homem de mais de 50 anos. Ela diz que “Meu pai não concordava, mas não pôde fazer nada”⁷ (Sulser, 2020) (Tradução própria), pois nessa cultura as decisões dos homens mais velhos devem ser

5 Wallander, a arte de compartilhar um marido (2010) (Tradução própria).

6 Mistiriijo, o devorador de almas. (2013) (Tradução própria).

7 Munyal, as lágrimas da paciência (2017) (Tradução própria).

acatadas por todos. Após cinco anos, conseguiu pôr fim a esse casamento. Dez anos depois, após o fim do segundo casamento com um marido polígamo que se tornou violento e sequestrou suas duas filhas para puni-la, Djaïli começou a escrever. Mudou-se para Yaoundé, capital do país, e, por ter um diploma do *Brevets de Technicien Supérieur* (BTS) em Administração, encontrou um emprego. No entanto, precisou vender suas joias para financiar seu projeto de escrita. Relata que o alívio que sentiu após escrever a incentivou a continuar, “depois de três ou quatro anos de casada, estava desesperada; peguei uma agenda e comecei a contar o que vivia. Só me sentia bem quando escrevia. Demorei dez anos para terminar meu manuscrito. Nunca o publiquei”⁸ (Sulser, 2020) (Tradução própria). Somente anos mais tarde teve a ideia de transformar esses escritos em ficção (Djaïli, [2021]).

Em seu primeiro romance, *Wallander, l'art de partager un mari*⁹ (2010), quatro mulheres Fulani compartilham o mesmo marido. Nessa obra de inspiração autobiográfica, emerge seu interesse sobre a condição das mulheres na sociedade muçulmana. O livro foi bem recebido pela crítica, recebeu o prêmio do júri da *Prince Claus Foundation*, em Amsterdã, agilizando assim a tradução para o árabe e a distribuição no Magreb e no Oriente Médio (Djaïli, [s. d.]).

Os livros seguintes, *Mistirijjo, la mangeuse d'âmes*¹⁰ (2013) e *Munyal, les larmes de la patience*¹¹ (2017), confirmaram seu talento e a tornaram conhecida junto aos leitores. Este último foi reeditado com o título *Les impatientes*¹². Em *Le coeur du Sahel*¹³ (2022), a temática dos casamentos à força reaparece, agora do ponto de vista das mulheres que se mudam para as cidades para trabalhar como domésticas, figuras quase invisíveis na sociedade. A obra também aborda a questão tabu da interculturalidade, decorrente da convivência entre pessoas de diferentes etnias, provocada pelo êxodo rural impulsionado pelas mudanças climáticas (Djaïli, 2022).

Em 2012, após retornar dos Estados Unidos, onde participou do *International Visitor Leadership Program* (IVLP), dirigido à sociedade civil e às mulheres líderes nos Estados Unidos, Djaïli criou a associação *Femmes du Sahel*, com o apoio da Embaixada dos EUA em

8 As impacientes (Tradução própria).

9 *O coração de Sahel* (2022) (Tradução própria).

10 *La littérature doit rester un levier de progrès et de développement des populations, elle doit aller au-delà de l'esthétique et servir des causes. Cela est à mon sens d'autant plus impérieux dans un monde aussi trouble que le nôtre. Une littérature engagée me semble essentielle. Je dénonce et combats les tares et dérives rétrogrades de certaines traditions qui aliènent la femme.* (Djaïli, 2021).

11 Não chores, menino (Tradução própria).

12 Um rio entre (Tradução própria).

13 Um grão de trigo (Tradução própria).

Camarões. Por seu engajamento em prol dos direitos das mulheres, a imprensa camaronesa lhe atribuiu o título de “a voz dos sem voz”. Para ela, a literatura tem uma função social,

A literatura deve alavancar o progresso e o desenvolvimento dos povos, deve ir além da estética e servir às causas. Na minha opinião, isso é ainda mais urgente em um mundo tão problemático como o nosso. A literatura engajada me parece essencial. Eu denuncio e combato os defeitos e distorções retrógradas de certas tradições que alienam as mulheres¹⁴ (Djaïle, 2021) (Tradução própria).

Casada pela terceira vez, atualmente vive com seu marido em Douala, em Camarões. Assim como outros escritores contemporâneos, se faz presente nas mídias e nas redes sociais para divulgar seu trabalho literário e social (Djaïli, [s. d.]).

Os prêmios recebidos por Amal foram listados por Aminou e Alydo (2022). Dentre eles, destaca-se, em 2019, o *Prix de la presse panafricaine décerné au salon Paris livre*, o 1º *Prix orange du livre em Afrique* e, em 2020, o *Goncourt des lycéens*. Naquele ano, *Les impacientes* foi indicado ao prêmio Goncourt 2020, um dos mais importantes da França, ficando entre os quatro finalistas (Sulser, 2020). A condição para ser indicado ao prêmio é que o livro seja escrito em francês e publicado por uma editora francófona. Nessa edição, ela era a única mulher africana indicada e acabou sendo laureada com o prêmio Goncourt des Lycéens. Esse prêmio foi criado em 1998 para oportunizar aos jovens a leitura das obras selecionadas pelos membros da *Académie Goncourt* (Rossinot, 2023).

Por sua carreira, pela contribuição de sua obra às artes e letras francófonas e por sua dedicação à causa das mulheres, em 2022 recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Sorbonne Nouvelle.

2.1.2 O defensor das línguas minoritárias

Nascido no Quênia, em 1938, Ngũgĩ wa Thiong’o é filho da quarta esposa de seu pai. Na escola, converteu-se à Igreja Católica e foi batizado com o nome de James Thiong’o. Somente décadas mais tarde renunciaria ao nome inglês (Alonso, 2019).

Tinha sete anos quando a Segunda Guerra mundial terminou e 14 quando iniciou a Revolta dos Mau Mau, que visava libertar o Quênia da colonização inglesa. A proximidade com os conflitos o influenciou, assim como o testemunho do que chamou de guerra íntima, o conflito entre seus pais (Azevedo, 2021).

14 Mago do corvo (tradução nossa).

Nos anos 1960, recém saído da universidade, Ngũgĩ lutou pela emancipação do Quênia. Embora tivesse publicado, em inglês, várias obras para o teatro e os romances *Weep not, child*¹⁵, em 1964, e *The river between*¹⁶, em 1965, o reconhecimento mundial veio após *A grain of wheat*¹⁷, romance ambientado nos quatro dias que antecedem a independência do Quênia, publicado em 1967 (Fernandes, 2015). Foi a obra que “[...] solidificou sua forma narrativa, que guardou por toda sua trajetória e caracteriza-se por inserções diretas de narrativas contextuais, que recobrem os dramas envolvidos” (Klein, 2022).

Para o autor, a literatura pode ser vista como uma estratégica política de intervenção cultural, além de proporcionar a fruição prazerosa. Seus esforços de valorizar as línguas do continente africano para diminuir a opressão dos países no período pós-independência demonstram esse entendimento (Klein, 2022). Thiong’o afirma que “as línguas africanas estão muito vivas, mas, se não as usamos para escrever, podemos levá-las à morte. Meu idioma é o gĩkũyũ, e com ele posso brincar mais com a musicalidade do que fazia em inglês” (Coêlho, 2017).

Foi preso em 1977, em razão de uma de suas peças ter desagradado o governo por ser escrita em seu idioma natal, o gĩkũyũ, da língua bantu. Ser levado para a prisão de segurança máxima de Kamiti, Nairóbi, por um governo africano, por escrever em uma língua africana, foi algo inesperado para Thiong’o. O autor não esperava ser punido por sua literatura; para ele, ser preso era algo terrível (Alonso, 2019).

Ainda na prisão, decidiu adotar o gĩkũyũ a partir de então. Como prova de sua resistência, escreveu, em rolos de papel higiênico, sua segunda novela: *Devil on the cross*, inédita no Brasil (Segura Insa, 2020). Graças à pressão da Anistia Internacional, foi libertado na década de 1980, exilou-se nos Estados Unidos e tornou-se professor de Literatura Comparada e Estudos da Performance na Universidade de Yale e na Universidade de Nova York (Coêlho, 2017). Atualmente, leciona inglês e literatura comparada na Universidade da Califórnia. Além de romances, escreve ensaios, peças e livros infantis, transitando entre a crítica social e a ficção. Ciente de que a literatura é mais do que um objeto de apreciação estética, mescla as fronteiras entre fato e ficção para fazer frente ao neocolonialismo (Alonso, 2019).

15 Sonhos em tempo de guerra (tradução nossa).

16 *Munyal*, as lágrimas da paciência (Tradução própria).

17 As impacientes (Tradução própria).

A decisão de escrever em *gĩkũyũ* foi motivada pelo desejo que os quenianos pudessem entender sua obra. Ao ser questionado, afirmou que foi uma decisão política, de resistência, por acreditar que ninguém deveria perder sua língua materna.

Não há contradição em manter sua própria língua e adquirir novas. É mais poder. Não estamos tirando nada. A perda de qualquer idioma no mundo, ainda que pequeno, é uma grande perda para a cultura da humanidade (Moraes, 2015).

Em decorrência desta decisão, muitas vezes o próprio autor atua na tradução de seus textos, demonstrando habilidade em movimentar-se entre as tradições estrangeiras e as de seu país natal. Ao mostrar que o *gĩkũyũ* também pode ser uma linguagem literária, critica o imperialismo colonial e neocolonial através de sua literatura (Klein, 2022).

Em 2006, publicou mais um romance, *Wizard of the crow*¹⁸, sua maior obra em *gĩkũyũ*, e em 2010, *Dreams in a time of war*¹⁹, primeiro volume de sua trilogia inacabada de memórias. Nele, o autor aborda suas lembranças da infância, o ambiente escolar, até sua viagem para estudar na Inglaterra; tanto sua história pessoal quanto a história de seu país estão presentes em sua obra.

No que tange à sua família, esclarece que, na comunidade de seu pai, a poligamia era uma parte essencial da vida, tanto que ele tinha quatro esposas e 24 filhos reconhecidos. Thiong'o relata que:

Onde nós vivíamos, havia quatro cabanas dispostas em um semicírculo, uma para cada esposa do meu pai, e essa área comum era onde todas as noites contávamos muitas histórias. Do ponto de vista das crianças – não estou falando das mães – era fantástico. Depois minha mãe se separou, e eu passei a viver só com uma mãe e nenhum pai. Ambas as experiências foram felizes. Li um livro recentemente em que o autor tinha nove irmãos, e aplicava a teoria dos conjuntos e semiconjuntos para calcular a quantidade de combinações que havia entre eles. No meu caso, são 25 irmãos. Imagine quantas possibilidades... (Moraes, 2015)

No Brasil, os autores africanos laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, como J. M. Coetzee, que o recebeu em 2003, se tornaram mais populares junto ao público leitor, impulsionando, desde então, a tradução de obras de autores como José Eduardo Agualusa e

18 “On m’a surnommée la voix des sans-voix. J’ai atteint mon but. Je voulais en quittant mon mari que mes filles puissent avoir une maman forte. Grâce à mon roman, j’ai été écoutée, lue, soutenue, j’ai pu parler. Et leur père l’a compris. Aujourd’hui, mes filles continuent leurs études au plus haut niveau.” (Sulser, 2020) (Tradução da autora).

19 Ecrivaine engagée pour la cause de la femme, dans *Les Impatientes* on voit des femmes briser le silence, réclamer des droits, des femmes qui se rebellent contre les abus, des femmes à la recherche du bonheur, de l’épanouissement (l’image de la femme acceptée et non celle de la bonne femme). (Aminou; Alydo, 2022, p. 9) (Tradução da autora).

Chimamanda Ngozi. No caso de Thiong’o, cuja obra é reconhecida em muitos países, a decisão de escrever em sua língua materna, predominantemente oral, pode ser uma justificativa para o número reduzido de pesquisas sobre sua obra em português (Klein, 2022).

Embora ainda não fosse muito conhecido no Brasil, em 2015 participou da Festa Literária de Paraty (FLIP), na qual participou da mesa ”Escrever ao sul”. Em 2021, foi indicado por Jeferson Tenório, escritor brasileiro, a um clube de assinatura de livros; cerca de 40.000 exemplares foram enviados aos associados (Barros, 2023) .

Em 2020, recebeu o Prêmio Catalunya, por sua defesa das línguas minoritárias. Durante o discurso, dedicou o prêmio a sua mãe, a mulher que lhe deu a vida e que cantou canções de ninar em *gĩkũyũ*. “Aceito este prêmio maravilhoso em teu nome”²⁰, disse Thiong’o (Segura Insa, 2020). Já foi apontado várias vezes como candidato ao Prêmio Nobel, mas diz que “O verdadeiro prêmio é aquela conexão que se cria entre o escritor e um leitor em especial” (Moraes, 2015).

20 <https://www.femmesdusahel.org>

3 A LITERATURA PERMEADA PELA REALIDADE

Nesta seção, são abordadas as obras que compõem o *corpus* da pesquisa: o romance *As impacientes* e o livro de memórias *Sonhos em tempos de guerra*. Nessas narrativas, os autores ficcionalizam a realidade que vivenciaram, não se trata de um diagnóstico social.

[...] não se pode confundir o que se passa na vida com o que se lê num livro, são universos diferentes, com códigos diferentes, porque a realidade nos escapa sempre; o trabalho do escritor é fazer o leitor acreditar no universo que foi filtrado por sua sensibilidade. Em outras palavras, a literatura sempre lidou com a verossimilhança, não com a verdade, mesmo se o autor se inspira nos fatos de sua vida (Figueiredo, 2020, p. 240).

A mescla entre fato e ficção nas escritas de si é reforçada pela presença dos autores na mídia e nas redes sociais. Essa exposição é entendida como necessária para atrair a atenção dos leitores; as inúmeras entrevistas, seja para revistas, blogs ou canais de televisão, escritas ou em vídeo, confirmam essa marca da contemporaneidade.

3.1 AS IMPACIENTES

A aceitação de um romance pelo público e pela crítica é um dos fatores que estimula o desenvolvimento de pesquisas sobre a obra de um determinado autor. No caso de Amal, a busca no Portal Capes e no *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), em maio de 2023, recuperou sete artigos, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Artigos publicados sobre a obra de Amal.

ARTIGO	IDIOMA	OBJETO ANALISADO
FOKOU-NGOOU (2020)	francês	<i>Walaande, l'art de partager un mari</i> (2010) Analisa a fusão da modernidade ocidental com a tradição africana peule na cidade de Marua, descrita no romance de Amal. Conclui que é uma influência positiva no que se refere à implantação de políticas urbanas.
GUEDALA (2020)	francês	<i>Walaande, l'art de partager un mari</i> (2010), <i>Mistirijjo</i> (2013) e <i>Munyal, les larmes de la patience</i> (2017) A partir dos romances de Amal, reflete sobre o direito das mulheres marginalizadas presentes na obra da autora e seu trabalho em prol dos ditos sem voz.
TCHOKOTHE (2021)	francês	<i>Les Impatientes</i> (2017) O romance de Amal é analisado junto com <i>Une si longue lettre</i> , de Mariama Bâ, buscando identificar a intertextualidade entre as duas obras no que tange à condição feminina em contextos muçulmanos, apesar dos 40 anos entre as publicações. Conclui que a violação aos direitos fundamentais das mulheres permanece, mesmo em uma época na qual as mulheres vem conquistando a emancipação em vários âmbitos de duas vidas.
IBRAHIM (2022)	inglês	<i>Les Impatientes</i> (2017) Pesquisa a articulação entre ficção e realidade, os tipos de argumentos utilizados no romance (religião, tradição) e seus efeitos no comportamento das personagens. Conclui que o romance tornou-se uma ferramenta para repensar o papel da mulher na sociedade.
FOKOU-NGOOU (2022)	francês	<i>Walaande, l'art de partager un mari</i> (2010) Aborda a identidade feminina em uma perspectiva transfronteiriça, entremeada pelas culturas ocidental, africana e peule, diante do feminismo decolonial inclusivo. Conclui que o romance de Amal reúne os valores das três culturas e desse modo promove o multiculturalismo.
MBARGA (2022)	alemão	<i>Munyal, les larmes de la patience</i> (2017) Analisa as consequências linguísticas do contato da língua francesa com o fulfulde, língua da cidade natal de Amal, a partir de seu romance. Aponta que embora a língua seja utilizada como instrumento de dominação, também pode contribuir para combater a hegemonia.
TCHENDOU (2023)	alemão	<i>Walaande, l'art de partager un mari</i> (2010), <i>Mistirijjo</i> (2013) e <i>Munyal, les larmes de la patience</i> (2017) Analisa a relação entre espaço e literatura, a partir da teoria geocrítica de Bertrand Westphal. Ao descrever o espaço cultural, a autora expõe a condição feminina na cultura peule e propicia ao leitor uma viagem psicológica a esse ambiente.

Fonte: Autora (2023).

Na pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), não foram localizados documentos sobre a autora. Tal resultado é atribuído à tendência de se pesquisar autores canônicos em detrimento dos contemporâneos, mesmo que estes tenham recebido prêmios importantes. Assim, apesar de Chevrier (1999) afirmar que a literatura feminina na África subsaariana surgiu a partir da década de 1970, ainda há poucos estudos sobre as autoras africanas.

Os artigos mencionados no Quadro 2 foram encontrados no Google Acadêmico. Pode-se observar as características das escritas de si, conforme Figueiredo (2020), o predomínio da temática da mulher na sociedade e o esforço da autora para modificar a realidade (IBRAHIM, 2021, TCHENDO, 2023, FOKOU-NGO, 2020 e GUEDALA, 2020). A constatação da existência da “[...] metáfora de muitas vozes reprimidas pela ética do *munyal*, [...] nos lembra como ‘esta obra é uma ficção inspirada em fatos reais’”²¹ (Tchokothe, 2021, p. 22).

É notável a capacidade que a literatura tem de impulsionar a discussão sobre a cultura das sociedades no âmbito da linguagem, da formação de identidade, do multiculturalismo ou do desenvolvimento de política de urbanização (Mbarga, 2022). Essa ênfase está vinculada ao engajamento da autora com essa causa,

A escrita aqui é uma arma com a qual o escritor(a), em vez de se resignar como vítima, se serve para o seu processo pessoal de emancipação das violências que sofre, e para poder ir além e transformar a sua postura de vítima, fraqueza, em ‘oportunidade’, para torná-la uma força de mudança²² (Amal, 2021b).

Os artigos recuperados foram publicados a partir de 2020, ano em que Amal recebeu o Prêmio Goncourt des Lycéens; uma vez que seu primeiro livro foi publicado em 2010, considera-se um resultado expressivo. Quatro artigos foram publicados em francês, dois em alemão e um em inglês, possivelmente pelo fato da autora escrever em francês e por seus livros terem sido publicados recentemente. A ausência de artigos em português e de pesquisas de pós-graduação pode ser justificada pelo fato de seus romances começarem a ser traduzidos no Brasil a partir de 2021.

21 Kĩrore e Karĩng’a eram os termos que caracterizavam as abordagens educacionais. As escolas Kĩrore privavam os africanos de conhecimento, inclusive da língua inglesa, capacitando-os para apoiar o Estado colonial ao formar mão de obra africana habilidosa. Nas Karĩng’a, propunha-se uma educação libertadora, a língua inglesa era considerada indispensável à modernidade (Thiong’o, 2021).

22 “[...] une arme dont l’écritain· e, plutôt que de se résigner en victime, se sert pour son processus personnel d’émancipation des violences qu’il· elle subit, et pour pouvoir aller au-delà et transformer sa posture de victime, faiblesse, en « opportunité », pour en faire une force de changement” (Amal, 2021).

Inicialmente, o romance tinha como título *Munyal, les larmes de la patience*²³. No entanto, quando a autora passou a publicar pela editora francesa Anne Carrière/Emmanuelle Collas, em 2020, foi alterado para *Les impatientes*²⁴. Foi traduzido para mais de dez línguas, e, na tradução para o português, optou-se pelo segundo título (Escritório, 2021).

No Brasil, foi publicado pela editora Ímã, em 2021. Foi traduzido por Juçara Valentino e contemplado pelo "[...] Programa de Apoio à Publicação ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil; contou, ainda, com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores e do apoio à publicação do Institut Français" (Amal, 2021, verso da folha de rosto). A declaração na primeira página: "Esta obra é uma ficção baseada em eventos reais", enfatiza que as escritas de si resultam em obras de ficção, enquanto que a epígrafe "*Munyal defan hayre. 'A paciência cozinha a pedra.'* Provérbio fulani", dá o tom da narrativa. A dedicatória ao esposo e aos filhos é seguida das palavras "amor e ternura". No final, consta uma lista de notas explicativas; são 16 notas que trazem o significado ou a explicação de palavras não traduzidas (Amal, 2021). Segundo Pym (2017), a decisão do tradutor de manter algumas palavras na língua de partida objetiva explicitar que línguas diferentes expressam visões de mundo diferentes.

O romance está dividido em três partes, subdivididas em capítulos numerados. Cada parte leva o nome de uma narradora, as duas primeiras seguidas de um provérbio e a terceira de um verso de um slammer, compositor e diretor francês:

Ramla.
A paciência de um coração é proporcional à sua grandeza.
Provérbio árabe

Hindou
No fim da paciência, há o céu.
Provérbio fulani

Safira
A paciência é uma arte que se aprende pacientemente.
Grand Corps Malade (Amal, 2021, p. 13,73 e 135).

Essa escolha reflete o entendimento da autora de que a coexistência da tradição e da modernidade é possível. O Slam é um campeonato de declamação de poesias autorais, em espaço público, no qual todos têm o direito de falar. Na França, os Slams são organizados e

23 Inicialmente publicado com o título *Munyal, les larmes de la patience*, em 2017, e reeditado com o título *Les impatientes*. No Brasil, foi traduzido como *As impacientes*, em 2021.

24 *Dreams in a time of war: a childhood memoir* (2010), no Brasil traduzido como *Sonhos em tempo de guerra: memórias de infância*, em 2015.

financiados pelo governo, com ampla divulgação da mídia (Neves, 2017). É um espaço que garante a homens e mulheres o direito de falar e se fazer ouvir, logo pode ser uma oportunidade de ressignificar a palavra paciência por meio da poesia.

A focalização é interna, a narrativa é sempre do ponto de vista de uma das narradoras; por meio de seus relatos, o leitor acompanha o enredo. São três protagonistas: as impacientes que se recusam a se submeterem. Os demais personagens são, em sua maioria, membros da numerosa família: mães e pais, tias e tios, irmãs, irmãos e primos. Embora as decisões sejam tomadas pelos homens, e suas falas deixam isso explícito, na maior parte do tempo são as mulheres da família que falam, relatando suas histórias e aconselhando as demais a serem “pacientes”. Nesse contexto, paciência significa se submeter, não questionar, aceitar o que lhe é imposto, conforme afirma a mãe de Ramla:

- Sabe, Hindou, eu não escolhi me casar com seu pai. Também não recusei o casamento. Por que diria não? Isso nunca passaria pela minha cabeça. Diante da provação que minha família enfrentava naquele momento, não teria coragem de contrariar meus pais (Amal, 2021, p. 103).

Em geral, o espaço no qual a história se passa são as casas fulani em Maroua, no norte de Camarões. As casas são construídas de modo que de fora não se perceba o que se passa em seu interior; há momentos em que o leitor pode se sentir claustrofóbico com o isolamento a que as mulheres são submetidas, como quando Ramla reflete sobre sua situação na véspera de seu casamento: “Estava acabado, nunca mais poderia sair quando quisesse, nunca terminaria meus estudos, estavam acabados meus sonhos de ir à universidade. Prisioneira de uma gaiola de luxo, nunca seria farmacêutica” (Amal, 2021, p. 59).

O tempo cronológico obedece uma sequência linear, entretanto em várias ocasiões eventos do passado são evocados, permitindo ao leitor compreender melhor o enredo. A passagem do tempo é percebida conforme a história vai sendo contada, mas não se sabe exatamente em que ano se passa. Percebe-se que é uma história contemporânea quando, por exemplo, Ramla expressa seu desejo de ir à universidade, ou quando a internet é mencionada: “Em breve, em alguns anos, na universidade de Tunis, ele se tornaria engenheiro e eu, farmacêutica” (Amal, 2021, p. 36).

A imprecisão temporal denota o quão forte é a cultura nesta comunidade, uma vez que na atualidade vive-se como no passado, a tradição é preservada geração após geração, conforme o incipit.

Paciência, minhas filhas! *Munya!* Essa é a essência do casamento e da vida. Essa é a verdadeira essência de nossa religião, de nossos costumes, do *pulaaku*. Integre-se à vida futura de vocês. Inscreva-a em seus corações, repita-as em suas mentes! *Munya!*, vocês nunca devem se esquecer! - disse meu pai com uma voz grave (Amal, 2021, p, 15)

O enredo é centrado no casamento, “O casamento não é uma questão de sentimento. Pelo contrário. É uma questão de responsabilidade, de honra, de religião - e de tudo o mais” (Amal, 2021, p. 46). Na primeira parte, Ramla narra seu casamento aos dezessete anos com um comerciante rico, que já possui uma esposa, mesmo que seu pai tenha consentido anteriormente que ela se casasse com um colega de escola. O ritual de preparação e a cerimônia são descritos minuciosamente; entende-se em que circunstâncias sua família aceitou a proposta do noivo e quais eram seus planos antes de ser dada em casamento.

Em seguida, Hindou, filha de outra esposa do pai de Ramla e da mesma idade, relata seu casamento com um primo que se tornou violento em decorrência da dependência química. O tio/sogro a escolhe por seu temperamento dócil, acreditando que assim o comportamento de seu filho irá melhorar. Submetida a todos os tipos de violência, e sem o apoio da família, ela foge de casa, mas é encontrada e castigada. Após o nascimento de sua primeira filha, e em razão dos sofrimentos infringidos, Hindou adoece. Sua família acredita que ela foi possuída por um mau espírito, “Foi confirmado que estou louca, começaram a me amarrar. Parece que estou tentando fugir. Não é verdade. Tento apenas respirar” (Amal, 2021, p. 133).

Por fim, o relato de Safira, coesposa de Ramla, encerra o romance. Aos 35 anos, sente-se ameaçada pela chegada da nova esposa do marido, jovem, bela e instruída. Neste capítulo, destaca-se um dos aspectos mais cruéis dessa cultura: a rivalidade entre as mulheres oprimidas pelo mesmo opressor. “Não há pior inimigo para uma mulher que outra mulher! Nunca dê a ela a oportunidade de falar mal de você. Controle-se, fique firme e não esmoreça” (Amal, 2021, p. 137). Safira acata o conselho e, depois de uma série de artimanhas, quando Ramla foge, por um breve momento sente-se culpada. Mas a chegada de uma nova esposa a leva a defender sua posição mais uma vez.

Mesmo sendo um romance polifônico, tem-se a impressão que as três narradoras contam a mesma história. As mulheres mais velhas orientam as mais novas a aceitar seus destinos, a serem “pacientes“. Todo o tempo são advertidas sobre as consequências do menor ato de rebeldia, que recai não só sobre aquela que o comete, mas também sobre as suas mães e irmãs.

- Você deve entender de uma vez por todas que suas decisões não influenciam apenas sua vida. Cresça, pelo amor de Deus! Foi a mesma coisa comigo, com suas tias, com todas as mulheres da família. O que você quer provar? Suas irmãs mais novas já correm o risco de não serem matriculadas na escola por sua culpa (Amal, 2021, p. 54).

Nesse contexto, as mulheres não têm possibilidade de fazer escolhas. São orientadas a obedecer, ser “pacientes”

Aceitar tudo de nossos esposos. Eles têm sempre razão, eles têm todos os direitos e nós, todos os deveres. Se o casamento for bem-sucedido, o mérito será de nossa obediência, de nosso bom humor, de nosso comprometimento; se fracassar, será apenas nossa responsabilidade (Amal, 2021, p. 69).

A ênfase na contribuição da autora para a emancipação feminina, como aponta Kamar (2023) em sua pesquisa sobre *As impacientes*, destaca sua relevância no enfrentamento do patriarcado e da misoginia. Isso porque o romance de Amal quebra tabus, denuncia os problemas sociais relacionados à religião e às tradições, em especial os vivenciados pelas mulheres, mas também as singularidades e a beleza da cultura peule, da qual se orgulha. Seu objetivo é descrever como vivem as pessoas submetidas a esse regime.

Fui denominada a voz dos sem voz. Alcancei meu objetivo. Quando deixei meu marido, queria que minhas filhas tivessem uma mãe forte. Graças ao meu romance, fui ouvida, lida, apoiada, pude falar. E o pai delas entendeu. Hoje minhas filhas prosseguem seus estudos em alto nível²⁵ (Sulser, 2020) (Tradução própria).

Além de apontar as questões da realidade de seu país, as obras da autora questionam os costumes com o objetivo de contribuir para a mudança das condições de vida das mulheres. “Escritora engajada na causa da mulher, em *As impacientes* vemos as mulheres quebrarem o silêncio, reclamarem seus direitos, mulheres que se rebelam contra os abusos, mulheres em busca da felicidade, da realização (a imagem da mulher aceita e não a da boa mulher)”²⁶ (Aminou; Alydo, 2022, p. 9) (Tradução própria).

Por meio da Associação *Femmes du Sahel*, fundada por ela em 2012, Amal vem contribuindo para melhorar as condições de vida das meninas, mostrando o quão estreita é a relação entre literatura e sociedade. Dentre as atividades descritas no site da Associação²⁷,

25 “Acepto este maravilloso premio en tu nombre” (Segura Insa, 2020).

26 “[...] métaphore de nombreuses voix réprimées par l’éthique du munyal , [...] nous rappelle combien ‘ cet ouvrage est une fiction inspirée de faits réels’ ” (Tchokothe, 2021, p. 22).

27 “L’écriture ici est une arme dont l’écrivain· e, plutôt que de se résigner en victime, se sert pour son processus personnel d’émancipation des violences qu’il· elle subit, et pour pouvoir aller au-delà et transformer sa posture de victime, faiblesse, en « opportunité », pour en faire une force de changement” (Amal, 2021).

destacam-se promover a educação e o desenvolvimento das mulheres e meninas no Norte de Camarões, a sensibilização contra o casamento precoce e forçado e todas as formas de violência contra elas praticadas, por meio de acompanhamento escolar, palestras para pais e líderes religiosos e minibibliotecas; os livros, inclusive os seus, estão no centro de suas lutas (Femmes, [2023]).

3.2 SONHOS EM TEMPO DE GUERRA

Publicado em 2010, *Sonhos em tempo de guerra: memórias da infância* é o primeiro volume da biografia inacabada de Thiong’o. No Brasil, a tradução para o português, feita por Fábio Bonillo e Elton Mesquita, foi lançada em 2015 pela Biblioteca Azul, não alterou o título original e, em 2021, a segunda edição foi publicada.

A obra é dedicada ao pai do autor e a outros familiares

Para Thiong’o pai, Kĩmunya, Ndũcũ, Mũkoma, Wwanjikũ, Njoki, Björn, Mũmbi, Thiong’o K e minha sobrinha Ngĩna, na esperança de que seus filhos leiam isto e possam conhecer sua bisavó Wanjiku e seu tio-avô Wallace Mwangi, também conhecido como o Bom Wallace, e o papel que eles representaram na formação de nossos sonhos (Thiong’o, 2021).

Na epígrafe, os três autores mencionados pertencem ao cânone da literatura. Nos excertos, destaca-se a ideia de esperança em um futuro melhor, de um sonho que vai se concretizar no futuro, construído a partir dos livros. É uma espécie de alegoria da trajetória de um menino que nasce em uma vila pobre de um país periférico e, pela educação, torna-se escritor e professor de uma universidade renomada.

Não há nada como um sonho para criar o futuro.
Victor Hugo, *Os miseráveis*

Aprendi
nos livros, meu caro amigo,
sobre homens sonhando e vivendo
e se esfaimado num quarto sem luz
que não podiam morrer
já que a morte era pobre demais
que não dormiam para sonhar,
mas sonhavam para mudar o mundo.
Martin Carter, “Looking at your hands”

Nos tempos de trevas
Também haverá o cantar?
Sim, haverá o cantar
Sobre os tempos de trevas
Bertolt Brecht, “Motto” (Thiong’o, 2021).

Dividido em 32 capítulos numerados, o livro traz, antes de iniciar o texto, uma foto de Wanjikũ wa Ngũgĩ, mãe do autor e, ao final, a foto da Estação de Limuru, vila do Quênia onde o autor viveu até partir, no trem, para continuar seus estudos. As imagens marcam os limites da narrativa, desde o nascimento do autor até sua partida para o internato onde cursou o ensino médio. Por fim, encontram-se os agradecimentos, em um parágrafo o autor menciona as pessoas que o incentivaram e auxiliaram na elaboração do livro (Thiong'o, 2021).

Nesta obra, a focalização é interna, pois os eventos são narrados do ponto de vista do autor, de como ele interpreta os acontecimentos. Em determinados momentos, sua percepção oferece ao leitor uma perspectiva diferente da apresentada pela história oficial, eurocêntrica. Os personagens são reais, mas sua construção se dá pela memória do autor. Muitos são membros de sua família ou da comunidade, mas há também os da escola na qual ele estuda e outros que se tornaram figuras históricas, como Winston Churchill, Theodore Roosevelt e Mahatma Gandhi.

Uma vez, devo ter dormido por tanto tempo que, quando acordei, encontrei minha mãe segurando um bebê nas mãos. Lembro-me de ter tido meu choro desbancado pelo desse bebê, que não queria deixar os peitos ou as costas ou as mãos da minha querida mãe. Seus choros tinham mais força que os meus porque minha mãe parava tudo e o atendia. Meu choro terminava quando me diziam que minha mãe fora a algum lugar buscar o bebê de modo que eu pudesse ter um irmão mais novo para ser meu colega. Tínhamos um ano de diferença (Thiong'o, 2021, p. 52).

O enredo se passa na propriedade paterna, composta por cinco cabanas, a do pai e uma para cada esposa, e na casa do avô materno, além da vila onde morou e da escola. Observa-se que a expansão do espaço por onde o menino circula acompanha a expansão de sua compreensão de si, de sua família e da comunidade. Ter liberdade para circular pelos ambientes é um dos fatores que lhe permitem compreender esse mundo que se amplia a todo momento.

As mudanças na paisagem física e social não ocorriam em nenhuma ordem discernível; fundiam-se umas nas outras, todas um pouco confusas. Mas, de alguma maneira, com o tempo comecei a associar alguns fios, e as coisas tornaram-se mais claras tal como se eu estivesse emergindo de uma bruma (Thiong'o, 2021, p. 21).

O tempo diegético da narrativa corresponde à infância do autor até os 16 anos. O leitor acompanha o período em que a criança expande seu círculo social, antes restrito à casa da família, e passa a frequentar a escola, contudo o autor expande seu relato em direção ao

passado, até onde conhece a história de seus ancestrais. Conta a história da família ao mesmo tempo em que narra a história do país. A narrativa não é linear, mas percebe-se uma evolução temporal, entremeada de relatos do passado, sem que a alternância das datas dificulte a compreensão.

A obra é narrada em primeira pessoa, tem-se um narrador personagem, já que é um livro de memórias. “Nasci em 1938 [...]. Não sei em que posição me classificava, em quesito de idade, entre os vinte e quatro filhos de meu pai e suas quatro esposas, mas eu era o quinto filho da casa de minha mãe” (Thiong’o, 2021, p. 19).

A narrativa pode ser dividida em blocos: contextualização social e política, história dos antepassados, relato da primeira infância e período de escolarização. No incipit, o autor menciona um verso de T. S. Eliot, *abril é o mais cruel dos meses*, que integra o poema *A terra desolada*, ao fixar o início da narrativa: abril de 1954, ano em que terminou o ensino fundamental. Relata a fuga de um africano preso pela polícia e sua surpresa ao descobrir que o fugitivo era seu irmão. Para entender o que gerou o acontecimento, o narrador volta no tempo alguns anos, retorna à época de seu nascimento, em 1938, descreve a família e a casa onde viveu na infância, oferecendo ao leitor uma imagem da organização familiar por meio da organização espacial:

Minha recordação mais antiga de casa é a de um amplo pátio, cinco cabanas formando um semicírculo. Uma delas era a de meu pai, onde cabras também dormiam de noite. [...] A cabana de cada mulher era dividida em espaços com diferentes funções, tendo em seu centro uma lareira de três pedras; locais de dormir e uma espécie de despensa [...] (Thiong’o, 2021, p. 19).

Ao contar a história dos antepassados, afirma ter “catado” pedaços e fragmentos de narrativas, pois “Meu pai, bastante alheado, falava muito pouco sobre seu passado. Nossas mães, ao redor das quais nossas vidas giravam, pareciam relutantes em divulgar os detalhes que conheciam” (Thiong’o, 2021, p. 22). Já os casamentos do pai são narrados com detalhes, na ordem que ocorreram.

No relato de sua infância, menciona o deslumbramento com a viagem de ônibus até a cidade para uma consulta médica, a construção da estrada, a internação no hospital para tratar a doença nos olhos, as brincadeiras e jogos e o contato com crianças de outras etnias. Sobre sua família, menciona a falência do pai após perder suas terras, que tem como consequência o alcoolismo, a violência doméstica e sua decisão de renegá-lo como filho por volta dos 13 anos, após sua mãe voltar para a casa paterna por sofrer maus tratos. Lá, passa a ajudar o avô com a correspondência e sente-se valorizado pelo conhecimento adquirido na escola. As

lembranças de infância se mesclam com os fatos históricos que impactam na vida da comunidade e, por consequência, na da família. Sua decisão de converter-se ao catolicismo e à circuncisão, que vai marcar sua passagem para a fase adulta, ocorrem no período em que morava na propriedade do avô paterno. “Vou avisar seu pai que você já está pronto para se tornar um homem, diz minha mãe perto do fim de 1953, a primeira vez que ela menciona meu pai desde que saíra da casa dele há muitos anos. Os pais devem dar permissão para o rito de passagem” (Thiong’o, 2021, p. 190).

Ao referir-se ao período de escolarização, lembra o momento em que a mãe lhe perguntou se gostaria de ir à escola, mesmo ciente de quanto esforço seria necessário, para ambos, e não hesitou em concordar. “Mas quando olhei para ela e disse ‘Sim’, lá no fundo sabia que ela e eu havíamos feito um pacto: eu sempre tentaria dar o meu melhor, fosse qual fosse a dificuldade, fosse qual fosse o obstáculo” (Thiong’o, 2021, p. 66). O leitor acompanha os preparativos para iniciar os estudos, o processo de alfabetização, a troca de escola, a construção de sua identidade, a decisão de continuar estudando, ao contrário de seus irmãos que abandonavam a escola após um ou dois anos. Também menciona os dois sistemas educacionais da época, o Kĩrore e o Karĩng’a²⁸. Ao mudar de escola pela terceira vez, em 1954, já tem consciência da guerra pela independência que estava em curso. O estímulo à leitura por parte dos professores contribui para que seja aprovado nos exames para ingressar no ensino médio. O reconhecimento da família e da comunidade, por meio das doações que recebe, lhe permite cobrir os custos de ir para a nova escola.

É possível pedir doações para coisas grandes como os estudos, pois a educação sempre foi vista como um ideal pessoal e comunal. Mas dinheiro para sapatos e meias?
Nunca possuí ou usei um par de sapatos na vida [...] Um par de sapatos agora se interpõe entre mim e a escola de ensino médio” (Thiong’o, 2021, p. 66).

Ao descrever sua trajetória, o autor desvela a organização social da família e da comunidade, expondo o tratamento dispensado às mulheres. Seu texto, conciso e ao mesmo tempo denso, combina a inocência do olhar de um menino que, nascido à sombra da Segunda Guerra Mundial, vai percebendo, com perspicácia para entender as coisas não ditas, os desdobramentos que o evento gerou em seu país. Ao mesmo tempo em que conta sua história, narra o processo de colonização e urbanização do Quênia.

Somente três dos seus livros foram publicados em português: *Sonhos em tempo de guerra* e *Um grão de trigo* em 2015 e *Matigari* em 2018; entretanto nota-se o aumento do

²⁸ <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/issue/view/313/287>.

interesse do público brasileiro pelo autor. Um dos indicativos desse interesse são as pesquisas publicadas. A busca em bases de dados, em maio de 2023, recuperou sete documentos: duas teses, três dissertações e dois artigos de periódico, cinco em português, um em inglês e um em alemão, conforme apresenta-se no Quadro 3.

Quadro 3 - Estudos publicados sobre Thiong'o.

DOCUMENTO	TIPO DE OBRA	IDIOMA	OBRA ANALISADA
BRAGA FILHO (2014)	Tese	português	<i>Pétalas de sangue</i> (1979) Analisa, a partir da teoria pós-colonial, a representação literária da alteridade em sociedades africanas colonizadas.
LOTT (2015)	Dissertação	português	<i>O mago do corvo</i> (2006) Analisa o posicionamento anticolonial e anti-imperialista expresso na obra e a opção do autor de escrever em seu idioma natal.
OKEREKE (2017)	Artigo de periódico	alemão	<i>O mago do corvo</i> (2006) Investiga o retrato do aparato de segurança do Estado representado no romance, que leva à corrupção, contrariando o papel esperado dos agentes de segurança.
OLIVEIRA (2019)	Tese	português	<i>O grão de trigo</i> (2015) Investiga as formas de tradução transcultural da diversidade africana, considerando o contexto colonial e pós-colonial.
NODARI (2020)	Dissertação	português	<i>Globalectics</i> , (2012), <i>Weep Not, Child</i> (2015 [1964]) Analisa as obras pelo prisma dos estudos (neo), (pós) e (de)coloniais e oferece traduções comentadas das obras.
ALDRIDGE (2021)	Artigo de periódico	inglês	<i>Matigari</i> (1986) Aborda a crítica à violência decorrente do neocolonialismo europeu pós-colonial, combatida pelos revolucionários Mau Mau e pela transmissão da esperança messiânica à classe trabalhadora.
CANDIDO (2021)	Dissertação	português	<i>Sonhos em tempo de guerra: memórias de infância</i> (2015) Analisa a obra observando a questão da Memória Cultural e a apresentação da formação do sujeito em sua singularidade.

Fonte: Autora (2023).

Nota-se uma tendência acentuada de abordar a obra de Thiong'o pelo viés do decolonialismo, tanto na análise de livros específicos como em comparação com obras de outros autores, uma vez que esse é um tema recorrente em sua obra. Seu posicionamento contra o colonialismo e o imperialismo e sua defesa das línguas minoritárias como estratégia para fortalecer a identidade dos povos são os aspectos que destacam-se majoritariamente. Contudo, pode-se encontrar outros aspectos significativos para analisar em sua obra, como o proposto neste estudo.

As pesquisas vêm sendo desenvolvidas há nove anos, confirmando que o interesse pelo autor vem aumentando com o tempo e também por se tratar de um autor que começou a publicar na década de 1960. Os trabalhos redigidos em português, publicados a partir de 2015, data em que o autor veio ao Brasil participar da FLIP, sinalizam que o contato com o autor estimula o interesse por sua obra e que os eventos literários são estratégias importantes para fomentar a produção e o consumo de literatura, conforme afirma Klein (2022).

A obra autoficcional de Thiong'o, assim como a de outros autores africanos, permite a reinterpretção da história da África, pois é escrita a partir de uma perspectiva interna, de quem lá nasceu e viveu. Sua decisão de escrever um livro de memórias, após ter se consolidado em outros gêneros literários, confirma o potencial da literatura neste processo, embora neste trabalho tenha sido encontrada somente uma pesquisa sobre *Sonhos em tempo de guerra* (Candido, 2021).

4 A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NAS ESCRITAS DE SI

Nesta seção, analisa-se o silenciamento imposto às mulheres apresentado nos livros *As impacientes* e *Sonhos em tempo de guerra*. Mesmo que entre os autores haja diversidade social, política, econômica, cultural e religiosa, que impede a generalização das análises, pode-se identificar pontos comuns nos dois livros no que tange ao tratamento dispensado às mulheres em casamentos polígamos.

4.1 DANDO VOZ ÀS SILENCIADAS

As impacientes aborda a violência infligida às mulheres em casamentos polígamos, respaldada por um discurso que se ampara na religião para justificar o silenciamento imposto pelos homens. “A sociedade muçulmana define o lugar de cada um” (Amal, 2021, p. 28). Ao decidir contar a história por meio da voz de três narradoras, a autora indica caminhos possíveis para as mulheres nessa sociedade: a fuga, o adoecimento ou o conformismo. Tolhidas do direito de fazer escolhas, devem acatar a decisão da família, mesmo quando se trata de escolher um marido “O casamento não é uma questão de sentimento. Pelo contrário. É uma questão de responsabilidade, de honra, de religião - de tudo o mais” (Amal, 2021, p. 46). Nessa cultura, “[...] o casamento não se resume à cerimônia, ele dura uma vida inteira” (Amal, 2021, p. 46).

Uma vez casadas, devem obediência total aos maridos, conforme determina o pai às filhas no dia de seus casamentos:

- A partir de agora vocês pertencem aos seus esposos e devem a eles submissão total, estabelecida por Alá. Sem a permissão do esposo, vocês não têm o direito de sair, nem mesmo para vir me ver! Assim, e somente assim, vocês serão esposas primorosas (Amal, 2021, p. 69).

Logo, espera-se que as mulheres sejam “pacientes”, pois preconiza-se que “[...] a paciência é uma prescrição divina. Ela é a primeira das respostas. Ela é a solução para tudo” (Amal, 2021, p. 121). Ao se tornarem mães, a opressão aumenta, pois os erros que venham a cometer terão consequência também para seus filhos. “Mesmo que as coesposas pareçam se dar bem, reina entre elas uma rivalidade velada que recai sobre os filhos” (Amal, 2021, p. 100). Sendo assim, reproduzem o sistema que as oprime e reprime a rebeldia daquelas que não se submetem. Observa-se a perpetuação da tradição na fala da mãe que orienta a filha sobre como agir:

- É difícil o caminho da vida das mulheres, minha filha. São breves os momentos de indecisão. Nós não temos juventude. Temos muito poucas alegrias. Encontramos a felicidade apenas onde a cultivamos. **Cabe a você encontrar um caminho para tornar sua vida suportável. Ou melhor, para tornar sua vida aceitável. Foi o que eu mesma fiz durante todos esses anos.** Pisoteei meus sonhos para poder melhor abraçar meus deveres (Amal, 2021, p. 108) (Grifo próprio).

O marido deixa claro o comportamento que espera das esposas, a “harmonia” em casa é um dos fatores que o torna honrado perante a sociedade. Nesse contexto, “harmonia” tem o mesmo significado que “paciência”, ou seja, submissão. Após o casamento com a segunda esposa, ele chama a primeira esposa e explicita o que espera delas:

[...] quis reunir vocês duas hoje para explicar o que espero de vocês. Isso se resume em uma só palavra: harmonia. **Definitivamente, não quero desordem na minha casa. Nunca aceitarei que meu lar se torne um campo de batalhas e um lugar de discórdia como tantos por aí.** Espero viver tranquilamente, sem dores de cabeça ou outras preocupações. Espero que minha casa permaneça um lugar de quietude e de serenidade como sempre foi (Amal, 2021, p. 147) (Grifo próprio).

No entanto, o marido pode conceder privilégios à esposa preferida, acirrando a rivalidade. Pouco tempo após ser casada, Hindou torna-se consciente dos desafios que enfrentará: “Não tenho ninguém em quem confiar. Entre as mulheres da concessão reina o não dito, a hipocrisia e a desconfiança” (Amal, 2021, p. 113). Essa situação é explicitada no conselho dado à Safira no dia em que seu marido se casa pela segunda vez:

Essas mulheres, todas elas, vão tentar derrubá-la. Elas vão espiar para surpreender seu desespero ou sua hostilidade em relação a elas. Sem exceção, vão esperar o momento em que você falhar. [...] Você só precisa enfraquecer por um segundo para que sua coesposa tome o controle para sempre. **Não há pior inimigo para uma mulher do que outra mulher.** Nunca dê a ela a oportunidade de falar mal de você. Controle-se, fique firme e não esmoreça (Amal, 2021, p. 137) (Grifo próprio).

Ramla esperava romper esse padrão, mas quando a coesposa vem lhe desejar boas vindas, percebe que não será possível. “Gostaria de tê-la como aliada, mas o olhar dela me impede. Ela parece me detestar antes mesmo de me conhecer” (Amal, 2021, p. 23).

Diante desse panorama, as maneiras de enfrentar a situação parecem restritas. No entanto, o livro de Amal indica um caminho ao levar a questão para o centro dos debates. Ao descrever sua vida, que é também das mulheres do Sahel, e se posicionar contra a cultura da “paciência”, sensibiliza as pessoas e promove a reflexão, pressuposto de toda mudança. “Aqui vem uma das forças da literatura e da arte em geral que consiste em (re)ver o real

associando o imaginário ao cotidiano: a mimesis” (Tchokothe, 2021, p. 22). Ao ficcionalizar fatos de sua vida e dar voz às numerosas vozes reprimidas, mostra o quão tênue é o limite entre ficção e realidade. Para Amal, a escrita é, ainda, “[...] um arma cujo escritor, ao invés de se resignar como vítima, serve-se do seu processo pessoal de emancipação das violências que sofre, e pode ir além e transformar sua postura de vítima, fraqueza em ‘oportunidade’, para fazer dela uma força de mudança”²⁹ (Amal, 2021b).

4.2 O OLHAR MASCULINO SOBRE A CONDIÇÃO DAS MULHERES

Segundo Lopes (2004), a poligamia integra as tradições de algumas sociedades africanas e confere distinção ao homem que possui mais de uma esposa³⁰. Essa afirmação é ratificada na obra de Thiong’o: “[...] apesar do abalo jurídico e suas consequências, a reputação de meu pai como o homem mais rico em vacas e cabras se manteve, bem como sua reputação por ter um lar disciplinado e olho para belas mulheres” (Thiong’o, 2021, p. 29).

Para o autor, ser filho de um pai polígamo foi importante para sua formação:

Cresci em uma família grande, com um pai com quatro esposas e vários irmãos. Foi um ambiente muito rico em interações humanas. E isso foi muito importante na minha vida, especialmente as histórias que se contavam à noite. Minhas raízes como escritor remontam àquelas noites de contos (Alonso, 2019).

Antes de seu pai, seu avô também casara com duas mulheres, Ngũgĩ

O vô Ndücũ, diz-se, por fim casou-se com duas esposas, ambas de nome Wangeci. Com uma das Wangeci ele teve dois filhos, Njinjũ, ou Baba Mũkũrũ, como o chamávamos, e meu pai, Thiong’o, bem como três filhas, Wanjirũ, Njeri e Wairimũ. Com a segunda Wangeci, ele teve outros dois garotos, Kariũki e Mwangi Karuithia [...]” (Thiong’o, 2021, p. 22).

Segundo o autor, em sua comunidade, as mulheres escolhiam a poligamia. Ao indagar sua mãe sobre o motivo que a levou a concordar em ser a terceira esposa, obteve como resposta: “Por causa de suas duas primeiras mulheres, Wangarĩ e Gacoki, e seus filhos [...]. Eles estavam sempre juntos, em tamanha harmonia, que eu com frequência me perguntava como é que seria estar na companhia deles. E seu pai? Ele não era de se recusar” (Thiong’o, 2021, p. 32).

²⁹ <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/243807>.

³⁰ Presente em algumas comunidades muçulmanas, essa prática não está vinculada a uma religião específica, a exemplo da família do autor, que seguia uma religião ancestral africana.

Sobre a relação entre as esposas de seu pai, afirma que “As quatro mulheres firmaram uma forte aliança perante o mundo externo, o marido e até mesmo os filhos” (Thiong’o, 2021, p. 35). A organização familiar, a partir da prática da poligamia, é comparada aos ministérios que formam a estrutura de governos de Estados. Cada esposa tem uma atribuição específica e suas ações impactam na vida das demais esposas:

Njeri, a mais nova [...]. Era conhecida por falar em nome de qualquer uma das outras mulheres contra um estranho até mesmo se se tratasse de um homem. Podia desafiar meu pai abertamente, mas também sabia quando e por que recuar. Era a tácita **ministra da Defesa** da herdade. Minha mãe era uma pensadora e boa ouvinte, amada por sua generosidade e respeitada por sua lendária capacidade para o trabalho [...]. Era como a **ministra do Trabalho**. Gacoki, tímida e afável, detestava conflitos, adotando uma atitude de viva-e-deixe-viver mesmo quando era a parte injustiçada. Ela, a **ministra da Paz**, era a mais temente a meu pai. Wangarĩ, a mais velha, estava sempre calma, como se já tivesse visto tudo. [...]. Ela era a **ministra da Cultura**, uma filósofa que contava com sua experiência e citava provérbios para expor seus argumentos. (Thiong’o, 2021, p. 35-6) (Grifo próprio).

A harmonia se mantém mesmo após uma das esposas voltar para a casa do pai, fugindo da agressão do marido. “Com a partida de minha mãe, as outras esposas, Gacoki e Wangarĩ em especial, tomaram conta do meu irmão e de mim” (Thiong’o, 2021, p. 98).

Sobre o comportamento do pai, o descreve como um homem tranquilo, respeitado pela comunidade. Seu comportamento muda, diz o autor, após a perda de sua riqueza, mas em seguida menciona raros momentos de violência contra as esposas quando ainda possuía seus bens.

Embora todos nós temêssemos nosso pai, nenhuma vez o vi bater numa criança. [...] Também incomum era ele raramente bater nas suas esposas, ainda que lhes exigisse respeito e que sua palavra fosse lei. Agora, ele passara a se envolver em violência doméstica, particularmente contra minha mãe (Thiong’o, 2021, p. 95).

Seu relato permite inferir que em sua família ocorriam conflitos decorrentes da submissão das mulheres ao marido fosse pelas crenças ancestrais da comunidade ou pelos preceitos do Cristianismo, difundido pelos colonizadores, como aponta Chevrier (1999). É preciso considerar, ainda, o fato de o narrador ser um homem que, quando menino, desfrutou de mais liberdade do que em geral é permitido às meninas. Além disso, sua percepção do patriarcado é um elemento secundário na narrativa, a ênfase recai sobre seu desejo/sonho de estudar, sobre o processo de colonização e, mais tarde, emancipação do país, assim como a hegemonia da língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de se escrever romances vem se transformando ao longo do tempo, mas o lugar ocupado pelo autobiográfico continua importante. Nas escritas de si não é diferente, a construção das narrativas se inspira em episódios da vida do autor, tensionando o estabelecimento dos limites entre fato e ficção. Além disso, a proximidade entre escritores e leitores, amplificada pelas tecnologias, contribui para tornar essa distinção mais difícil.

A escolha de autores Djaili Amadou Amal e Ngũgĩ wa Thiong’o, ainda pouco pesquisados no país foi motivada pelo desejo de dar visibilidade às suas obras e pela relevância dos temas abordados. A pesquisa em bases de dados do Portal Capes, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no Scielo não localizou Trabalhos de Conclusão de Curso realizados sobre Amal ou Thiong’o, apesar da riqueza de temas linguísticos, sociológicos e culturais que podem ser investigados.

As impacientes explicita o silenciamento imposto às mulheres em casamentos polígamos, os quais elas não têm o direito de recusar. Ao mesmo tempo em que Amal critica a tradição, que preconiza a *munyal*, a “paciência”, isto é, a submissão, como única atitude digna para as mulheres, orgulha-se de sua origem e defende o respeito à cultura fulani. Ao colocar personagens femininas em geral invisibilizadas no papel de protagonistas, direciona o olhar do leitor para situações que precisam ser discutidas, problematizadas. Além disso, demonstra o quanto ficção e realidade estão imbricadas.

Seu trabalho em prol da educação das mulheres e a criação de bibliotecas estão ancorados no entendimento de que a literatura pode impulsionar o desenvolvimento das comunidades sem apagar sua identidade, por isso enfatiza as distorções culturais e, dessa forma, estimula o debate sobre tradições desfavoráveis às mulheres. Os prêmios que recebeu e o apoio da Embaixada dos EUA à *Femmes du Sahel*, fundação que criou em defesa dos direitos das mulheres, assim como as pesquisas sobre sua obra, corroboram a relevância de seus romances para a proposição de alternativas que permitam erradicar práticas sociais violentas.

Em *Sonhos em tempo de guerra*, o tema central da obra é o processo de colonização inglesa ao qual o Quênia foi submetido e o início da luta pela independência do país. Essa temática é recorrente nas obras de outros gêneros literários que o autor escreve, com frequência permeadas pela crítica social. Dentre outros traços culturais, a poligamia, e a conseqüente subordinação das mulheres aos homens, é parte do contexto, uma tradição cultural que não admite questionamentos. O trecho no qual o Thiong’o relata as razões de sua

mãe ao concordar em ser a quarta esposa é suavizado pelo olhar de um menino que não tem maturidade para entender todas as implicações que essa escolha acarreta. Sua atenção estava voltada ao apagamento cultural promovido pelos ingleses que, sob o pretexto de levar-lhes ensinamento religioso, ignoravam suas crenças e impunham seus costumes. Contudo, a fuga da mãe para a casa do avô materno, e a decisão do pai de renegar os filhos que teve com essa esposa, desvelam a ocorrência de atos violentos contra as mulheres, mesmo que de forma esporádica.

Desde cedo, Thiong'o percebeu que a emancipação estava relacionada à educação, quando sua mãe lhe propôs que fosse à escola, aceitou, ciente das dificuldades que enfrentaria. Tornou-se escritor sem imaginar os problemas que enfrentaria por manter viva sua língua materna, o *gĩkũyũ*. Manteve seu propósito, continuou a escrever nessa língua para afirmar sua identidade e acabou recebendo prêmios importantes por isso. Suas obras combatem as visões colonialistas sobre a África, são parte de uma estratégia política de intervenção cultural.

A decisão de analisar o mesmo objeto, o silenciamento imposto às mulheres em sociedades polígamas, confrontando duas obras, se mostrou desafiadora, pois ambas retratam culturas diferentes entre si e ainda mais da realidade brasileira. O exercício de olhar para o diferente sem julgar requer algum esforço. *As impacientes* revela a opressão de quem é submetida a essa modalidade de casamento, a partir da experiência de uma mulher muçulmana casada à força. As restrições impostas às mulheres as confinam em casa e as impedem de viver seus sonhos. A religião reforça a poligamia ao assegurar o poder dos homens sobre as mulheres, mantendo assim a ordem estabelecida. Em *Sonhos em tempo de guerra*, a liberdade que o menino goza permite que ele amplie seu universo. Converte-se ao catolicismo, mas sua família mantém a religião ancestral da comunidade de seu pai. Por isso, a prática da poligamia configura-se como uma maneira de resistir ao apagamento cultural promovido pelo colonizador.

Uma característica comum às duas obras é a defesa de suas culturas. Ao mesmo tempo em que denunciam os problemas de suas comunidades, mantêm viva suas línguas maternas e preservam suas identidades. Para Amal e Thiong'o, tradição e modernidade não são excludentes, logo pode-se repensar as relações de gênero, por exemplo, sem ter de renunciar sua cultura. Ao transformar em ficção as práticas da sociedade na qual vive, o escritor pode impulsionar mudanças que contribuirão para diminuir as desigualdades.

Por fim, cabe ressaltar que, nos dois livros, o acesso à educação é o fator que permite aos personagens se afastarem de suas comunidades, assim como aconteceu com os autores.

Contudo esse distanciamento os leva a compreender a necessidade de defender suas tradições e combater o apagamento de suas culturas. Amal torna-se escritora, Thiong'o, professor, profissões que impulsionam as pessoas a percorrer caminhos semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ALDRIDGE, Casey James. Neoliberalism's haunted houses: symbols of the apparently postcolonial and specters of revolution in Ngũgĩ wa Thiong'o's *Matigari*. **Research in African Literatures**, Indiana, v. 52, n. 2, p. 105-118, 2021. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez46.periodicos.capes.gov.br/article/850588>. Acesso em: 15 maio 2023.
- ALONSO, Pedro. Ngũgĩ wa Thiong'o: Eu quero competir com Cervantes. **El País**, Espanha, 23 abr, 2019. Disponível em: https://www.elnacional.cat/es/cultura/ngugi-wa-thiongo-premio-internacional-catalunya_535416_102.html. Acesso em: 20 jun. 2023.
- AMAL, Djaïli Amadou. **As impacientes**. Rio de Janeiro: Imã, 2021a.
- AMAL, Djaïli Amadou. Préface : mettre en écriture la violence, l'esclavage, ses séquelles ? **Esclavages & Post-esclavages**, Paris, v. 4, 2021b. Disponível em: <file:///C:/Users/Yara%20Menegatti/Downloads/slaveryes-4134.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- AMINOÛ, Gado Riba; ALYDO, Maiga. **La condition de la femme et l'étude des caractères des trois protagonistes féminins dans les impacientes de Djaili Amadou Amal**. 2022, 68 f. Faculté de lettres et de langues, Département de Français, 2022. Disponível em: <https://dspace.univ-guelma.dz/jspui/bitstream/123456789/12960/1/M%20841.436.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- AZEVEDO, Luiz Maurício. No coração das luzes. In: **PREFÁCIO**. Porto Alegre: Tag Curadoria, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998. p. 397-428
- BARROS, Camila. A história e os planos da TAG, clube de assinatura de livros que faturou R\$ 35 milhões em 2022. **Você S/A**, São Paulo, abr. 2023. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/empreendedorismo/a-historia-e-os-planos-da-tag-club-de-assinatura-de-livros-que-faturou-us-35-milhoes-em-2022/>. Acesso em: 24 maio 2023.
- BRAGA FILHO, Jair Ramos. **Poéticas da alteridade**. 2014. 169 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36378/R%20-%20T%20-%20JAIR%20RAMOS%20BRAGA%20FILHO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 maio 2023.
- CANDIDO, Marcelo Franca Marques. **Escapando do supermercado cultural: Ngũgĩ wa Thiong'o e os usos da narrativa de vida**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras: estudos da linguagem). UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, Mariana . Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/jspui/bitstream/123456789/14872/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_EscapandoSupermecadoCultural.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.
- CHEVRIER, Jacques. **Littératures d'Afrique noire de langue française**. Paris: Nathan, 1999.

COÊLHO, Wilson. Do escritor negro preso por sugerir libertação da educação burguesa no Quênia. **Papo Cultura**, Natal, 28 fev. 2017. Disponível em: <https://papocultura.com.br/ngugi-wa-thiongo/>. Acesso em: 20 jun. 2023

DJAÏLI Amadou Amal. Paris: Babelio, [2021]. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Djaili-Amadou-Amal/351194>. Acesso em: 21 maio 2023.

DJAÏLI Amadou Amal: biographie de l'auteur. Le Petit Littéraire.fr. [s. d.]. Disponível em: <https://www.lepetitlitteraire.fr/auteurs/djaili-amadou-amal>. Acesso em: 04 maio 2023.

DJAÏLI Amadou Amal plonge ses lecteurs au "Coeur du Sahel". À L'affiche, France 24, 22 abr. 2022. 1 vídeo (11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrRVuCGF3-c>. Acesso em: 15 maio 2023.

DJAÏLI Amadou Amal. **Printemps culturel**, Neuchâtel, 2021. Disponível em: <https://printempsculturel.ch/djaili-amadou-amal/>. Acesso em: 15 maio 2023.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim, org. **Ensaaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 111-125

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 4. ed. São Paulo: Global, 1989.

ESCRITÓRIO do Livro e BiblioMaison. **Encontro com Djaili Amadou Amal**: “Les impatientes”. YouTube, 18 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DiYzixEO5y4>. Acesso em 18 abr. 2023.

FEMMES du Sahel. 05 out. 2023. Disponível em: <https://www.femmesdusahel.org/>. Acesso em: 05 out. 2023.

FERNANDES, Pablo Pires. Clássico do escritor queniano Ngugi wa Thiong'o é lançado no Brasil: autor é considerado voz referencial da literatura africana. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 jul. 2015. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/24/noticias-pensar,169903/classico-do-escritor-queniano-ngugi-wa-thiong-o-e-lancado-no-brasil.shtml>. Acesso em: 04 maio 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. A autoficção e o romance contemporâneo. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 22-3, p. 232-246, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/40480/22119>. Acesso em: 18 abr. 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Em torno de Roland Barthes**: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor. Santa Maria: PPGL, 2015.

FOKOU-NGOOUO, Arthur Freddy. Entre enracinement et déracinement : la poétique de l'errance au féminin. **Çédille**: revista de estudios franceses, San Cristóbal de La Laguna, n. 21, p. 141-154, set. 2022. Disponível em: <https://www.ull.es/revistas/index.php/cedille/article/view/2849/3108>. Acesso em: 15 maio 2023.

FOKOU-NGOOU, Arthur Freddy. Mise en texte d'une ville hybride dans Walaande de Djaïli Amadou Amal : vers une sociocritique de l'espace urbain. **Çédille**: revista de estudios franceses, San Cristóbal de La Laguna, n. 18, p. 463-487, outono de 2020. Disponível em: https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/22154/C_18_%282020%29_19.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 maio 2023.

GUARESHI, Égide. fios (re)torcidos: memória e autoficção em *O gato diz adeus*. In: SIMPOÓSIOTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2011, Uberlândia. **Anais do SILEL**, Uberlândia, EDUFU, 2011. v. 2. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2231.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2023.

GUEDALA, Oumar. Deux voix inaudibles aux voies littéraires d'expression du mal-être féminin. **M@GM@ Rivista Internazionale di Scienze Umane e Sociali**, Italy, v. 18, n. 1, 2020. Disponível em: http://www.analisiqualitativa.com/magma/1801/articolo_04.htm. Acesso em: 15 maio 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IBRAHIM, Laïth. Les impatientes de Djaïli Amadou Amal: fiction et argumentation. **The French Review**, Bozeman, v. 96, n. 1, p. 127-142, out. 2022. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez46.periodicos.capes.gov.br/pub/1/article/866122>. Acesso em: 15 maio 2023.

KAMAR, Ranya. La femme face à la société patriarcale dans l'imaginaire camerounais à travers Les Impatientes de Djaïli Amadou Amal. **Journal of the Faculty of Arts Port Said University**, Helwan, v. 24, n. 24, p. 80-116, abr. 2023. Disponível em: https://jfpsu.journals.ekb.eg/article_294332_90a20042b51f35a5c38ba4998652a95c.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

KLEIN, Daniel da Silva. Ngũgĩ Wa Thiong'o: os percursos de um escritor queniano na historiografia literária. **História**, São Paulo, v. 41, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/6mDRDbfD5hBY5QrJ3VGN79R/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2023.

LAGRASTA NETO, Caetano; SIMÃO, José Fernando (coord.). **Dicionário de direito de família**. São Paulo: Atlas, 2015. v. 2

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOTT, Tiago Horácio. **A (re)escritura e a diferença**: estratégias de descolonização na obra de Ngũgĩ Wa Thiong'o. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários). UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4719/1/tiagohoraciolott.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

MBARGA, François. Inter discursivite et alternance codique en francographie camerounaise : cas de munyal, les larmes de la patience de Djaïli Amadou Amal. **Akofena**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 141-154, set. 2022. Disponível em: https://www.revue-akofena.com/wp-content/uploads/2022/08/12-T06v05-16-Francois-MBARGA_141-154.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

MORAES, Camila. Ngũgĩ wa Thiong’o: “Eu daria um Nobel a Jorge Amado, porque ele deu a mim o seu Brasil”: autor de um dos maiores clássicos da literatura africana finalmente aterrissa no Brasil. **El País**, Brasil, 04 jul. 2015. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/03/cultura/1435952470_967603.html. Acesso em: 04 maio 2023.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D’Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 05 out. 2023.

NODARI, Janice Ines. **Ni Mebwaga Chumvi Nyingi**: o projeto político e linguístico (neo)(pós)(de)colonial de Ngũgĩ Wa Thiong’o em tradução. 2020. 557 f. Tese (Doutorado em Letras). UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/69868/R%20-%20T%20-%20JANICE%20INES%20NODARI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2023.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Apresentação. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim, org. **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 7-20

OKEREKE, Emmanuel. Chibuzor. The maggot within’: the state security apparatus in Ngũgĩ’s *Wizard of the Crow*. **Tydskrif Vir Letterkunde**, Pretoria, v. 54, n. 1, p. 211-227, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/83348522900/Downloads/assafspu,+Journal+manager,+1936-6607-1-CE.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

OLIVEIRA, Valeria Silva de. **Narrativas da diversidade africana**: fragmentos, memória e resistência em *Black Mamba Boy* e *The Orchard of Lost Souls*, de Nadifa Mohamed e *A Grain of Wheat*, de Ngugi wa Thiong’o. 2019. 297 f. Tese (Doutorado em Letras). UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/5987/1/Valeria%20Silva%20de%20Oliveira%20-%20Tese.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RICCIARDI, Luigi. 15 autoficções brasileiras incontornáveis. **HomoLiteratus**, 27 out., 2015. Disponível em: <https://homoliteratus.com/quinze-autoficcoes-brasileiras-incontornaveis/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ROSSINOT, Françoise. **Académie Goncourt**. Disponível em: <https://www.academiegoncourt.com/presentation-prix-goncourt>. Acesso em: 12 maio 2023.

SEGURA INSA, Núria. Ngũgĩ wa Thiong’o. Premi Internacional Catalunya. **El Nacional.Cat**, Barcelona, 03 set., 2020. Disponível em: https://www.elnacional.cat/es/cultura/ngugi-wa-thiongo-premio-internacional-catalunya_535416_102.html. Acesso em: 15 maio 2023.

SULSER, Eléonore. Djaili Amadou Amal: «J’ai décidé de protéger mes filles». **Le Temps**, Genève, 6 nov, 2020. Disponível em: <https://www.letemps.ch/culture/livres/djaili-amadou-amal-jai-decide-protoger-filles>. Acesso em: 15 maio 2023.

TCHENDOU, Suzanne. L'écriture-femme à l'image de l'espace socioculturel à l'aune des textes de Djaïli Amadou Amal. **Akofena**, [S. l.], v. 2, n. 7, p. 99-110, mar. 2023. Disponível em: https://www.revue-akofena.com/wp-content/uploads/2023/02/09-T07v01-23-Suzanne-TCHENDOU_099-110.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

TCHOKOTHE, Rémi Armand. Mariama Bâ et Djaïli Amadou Amal : une si longue lettre des (Im)patientes. **HYBRIDA**, Revue scientifique sur les hybridations culturelles et les identités migrantes, Valence , n. 2, p. 201-224, jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.uv.es/index.php/Hybrida/article/view/20603/18784>. Acesso em: 15 maio 2023.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Sonhos em tempo de guerra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

TOKARCZUK, Olga. Ognosia. In: TOKARCZUK, Olga. **Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências**. São Paulo: Todavia, 2023. p. 7-28

VIEIRA, Willian. Em nome do nome real: jogo literário, autocensura e defesa da autoficção. **Alea: estudos neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.219-237, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/Tc7DPgLNl47zwwjkBxf47cq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023